

Os 1.290 e 1.335 Dias de Daniel 12

Dr. Samuel Ramos

Esse artigo é um convite à reflexão. Acreditamos na revelação progressiva da verdade profética e acreditamos sinceramente que hoje os filhos de Deus estão em melhores condições de entender as profecias escatológicas de Daniel e Apocalipse do que os pioneiros que viveram há tantos anos. Nós não somos melhores do que eles, porém, o acúmulo do conhecimento que se deu ao longo dos últimos dois séculos e o acesso ilimitado que hoje temos aos livros, enciclopédias e historiadores, com certeza nos dão algumas vantagens. Deus não quer que descansemos em cima do que foi estabelecido no passado assumindo a atitude de que tudo que tinha que ser revelado já foi revelado e não há nada mais para ser acrescentado. Ellen G. White nos adverte contra essa atitude: “Não há escusas para alguém que toma uma posição que não há mais verdade para ser revelada, e que todas as nossas explicações da Escritura estão sem um erro. O fato de que certas doutrinas têm sido defendidas como verdade por muitos anos pelo nosso povo, não é uma prova de que nossas idéias são infalíveis. O tempo não deixará permanecer o erro na verdade, e a verdade pode ser esclarecida. Nenhuma verdadeira doutrina perderá alguma coisa pela inteira investigação.” (Ellen G. White, *R&H 20/12/1892*)

O autor desse artigo não tem a pretensão de entender a profecia melhor do que os outros servos de Deus. Essa não é a nossa intenção. Leia esse artigo com o pensamento de que o autor é um pastor adventista sincero na busca da verdade que resultará em bênçãos para a igreja de Deus. Ao tentar mostrar a fragilidade da teoria dos 1.290 e 1.335 anos aplicados à Idade Média eu estarei usando argumentos apoiados na Bíblia, no Espírito de Profecia e na história, entendendo que “nenhuma verdadeira doutrina perderá alguma coisa pela inteira investigação.” (E.G. White, *R&H, 20/12/1892*)

C. Mervyn Maxwell

No livro *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*, no capítulo 12 não falou nada sobre os 1.290 e 1.335 dias. Isso demonstra que não existe uma teoria consistente sobre o assunto, e o resultado é que muitos autores preferem não tocar no problema.

Quando um escritor escreve um livro sobre o Apocalipse e não toca no assunto das sete trombetas, você pode concluir das duas uma: ou o autor não considera importante essa profecia das sete trombetas ou a interpretação tradicional da igreja não é suficientemente consistente que mereça ser considerada. Se o próprio escritor não estiver convicto o melhor mesmo será guardar silêncio. Essa me parece ser uma atitude bastante coerente! O mesmo se dá quando um autor escreve um livro sobre as profecias de Daniel e decide não falar nada sobre os 1.290 e 1.335 dias do capítulo doze. O silêncio muitas vezes é a melhor resposta.

G. Arthur Keough

Autor da *Lição da Escola Sabatina* do 1º trimestre de 1987, *Deus e Nosso Destino*. Ao estudar o capítulo doze de Daniel o autor simplesmente não menciona nada sobre os 1.290 e 1.335 dias. É bom lembrar que a Lição da Escola Sabatina não reflete o pensamento do autor e sim da Comissão Mundial, cujos membros atuam como consultores. Se essa Comissão Mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia preferiu guardar silêncio sobre os 1.290 e 1.335 dias é porque a explicação tradicional da igreja que diz que esses dois períodos de tempo tiveram início no ano 508, é muito frágil e inconsistente. Não vale a pena provocar uma discussão por causa de uma teoria que não possui nenhuma confirmação histórica que realmente prove a legitimidade do ano 508.

Clifford Goldstein

Na *Lição da Escola Sabatina* do 3º trimestre de 2006, cujo título foi: *O Evangelho, 1844 e o Juízo*, o autor estudou os capítulos 2, 7, 8 e 9 de Daniel falando sobre o Juízo Celestial e preferiu não estudar o capítulo doze, embora esse capítulo também faça parte do Juízo Celestial. Ellen G. White comenta Daniel 12:1 “E naquele tempo Se levantará Miguel, o grande Príncipe, que Se levanta pelos filhos do Teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro”; Ellen G. White interpreta “o levantar-se de Miguel” como sendo uma referência ao fim do juízo, isto é, **o fechamento da porta da graça**. (*Primeiros Escritos*, pág. 36) Seria ótimo terminar a lição do juízo falando sobre o fechamento da porta da graça, uma revelação divina feita em Daniel 12:1. Mas, se o autor fosse estudar Daniel 12,

obviamente surgiria outro assunto polêmico, os 1.290 e 1.335 dias! Se levarmos isso em consideração, fica fácil entender a decisão prudente da Comissão Mundial e do autor da lição de guardar silêncio sobre Daniel 12.

Ainda nessa lição sobre o juízo, Clifford Goldstein preferiu também não apresentar o conhecido gráfico dos 1260 anos de Daniel 7:25. O autor fugiu das datas de 538 e 1798 usando expressões vagas e imprecisas: **“Se datarmos o início de Roma Papal para o fim do quinto século ou início do sexto século.”** Você pode imaginar a razão porque o autor se negou a usar as datas específicas mencionadas no *Grande Conflito* pág. 439 (538 – 1798)? O mesmo se dá com o fim dos 1.260 anos, a lição diz: **“os 1.260 anos nos levam ao fim do século 18 ou início do século 19.”** (*Lição da Escola Sabatina* 3º trimestre de 2006 pág. 46)

Aonde vamos parar desse jeito? É muita insegurança em pontos claramente revelados no livro *O Grande Conflito* e confirmados por autênticas fontes históricas. A igreja está insegura até mesmo com as datas de 538 e 1798? Dessas datas eu não tenho nenhuma dúvida porque são datas confirmadas pela história. O que dizer então do ano 508? Essa sim é uma data sem nenhuma comprovação histórica.

O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia

No volume 4 pág. 881 nós encontramos uma explicação dos 1.290 e 1.335 dias. É um comentário coerente e respeitoso porque apresenta duas linhas de interpretação sem discriminação: “Aqueles que mantêm o ponto de vista de que o “diário” representa o “paganismo” subtraem 1.290 de 1798 e chegam à data de 508.” **Está muito claro aqui que a data de 508 foi encontrada, não por algum evento histórico, mas pela subtração $1798 - 1.290 = 508$.** E o comentário continua dizendo: “Eles vêem nos eventos **ao redor desta data**, a conversão de Clóvis, o rei dos Francos, para a fé católica, e a vitória sobre os Godos um importante passo no estabelecimento da supremacia da Igreja Católica no Ocidente.” (*SDABC* vol. 4, pág. 881) A expressão usada aqui ‘**ao redor desta data**’ é imprecisa e vaga porque na realidade nada aconteceu em 508!

O comentário continua explicando: “Aqueles que mantêm o ponto de vista de que o “diário” se refere ao contínuo ministério sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial e à verdadeira adoração de Cristo na era evangélica, não consideram essa primeira explicação satisfatória. Eles crêem que este texto é uma daquelas passagens da Escritura, que um futuro estudo trará luz adicional.” (SDABC vol. 4, pág. 881)

Essa é uma explicação coerente e de mente aberta. Não existe uma posição oficial da igreja sobre os 1.290 e 1.335 dias e também não faz parte das 28 doutrinas básicas da igreja.

Dr. Alberto Timm

No artigo publicado na *Revista Adventista* de julho de 1999 pág. 5 o entrevistado foi categórico ao falar sobre um assunto sobre o qual a Comissão Mundial que revisa a *Lição da Escola Sabatina* guardou silêncio, e, nem mesmo o *Comentário Bíblico Adventista* faz qualquer afirmação categórica. O título da entrevista dada à *Revista Adventista* é indelicado e discriminatório: “**Pregadores de Falsos Reavivamentos**”. No decorrer da entrevista ele citou abertamente os “falsos reavivadores” como sendo aqueles que apresentam os 1.290 e 1.335 dias como sendo períodos de tempo a se cumprirem nos eventos finais que antecedem a volta de Jesus.

A RA perguntou:

“Mencione alguns exemplos de ‘nova luz’, não condizentes com a Revelação”

Dr. Timm respondeu: “muitos exemplos poderiam ser dados, mas mencionarei apenas dois. Um deles é a teoria de que os 1.290 e 1.335 dias de Daniel 12:11 e 12 são dias literais a se cumprirem entre o decreto dominical e a segunda vinda de Cristo.” Argumentando que depois de 1844 não pode existir nenhuma profecia de tempo, o entrevistado citou um texto de Ellen G. White; o texto é um comentário de Ellen G. White sobre Apoc. 10:6

“E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora” A *King James Version* traduz “não haveria mais tempo”.

A *Lição da Escola Sabatina* do 2º trimestre de 1989 na página 151 explica que esse texto não está falando sobre “o fim do tempo”, ou seja, “o fim do mundo”; também não está falando do fim “do

tempo de graça”, e sim sobre “**o fim do tempo profético**”. Então o autor da lição cita o texto de Ellen G. White:

“Esse tempo, que o Anjo anuncia com solene juramento, **não é o fim da história deste mundo, nem do tempo da graça, mas do tempo profético**, que deve preceder o advento de nosso Senhor; isto é, as pessoas não terão outra mensagem sobre tempo definido. Depois desse período de tempo, que se estende de 1842 a 1844, não pode haver um delineamento definido do tempo profético. O cômputo mais longo se estende até o outono de 1844.” (*Comentários de Ellen G. White, SDABC, vol. 7, pág. 971*).

A polêmica gira em torno do que cada um entende sobre a expressão “tempo profético”. Existe o tempo literal onde um dia é um dia mesmo e existe o tempo profético onde um dia equivale a um ano! Desde sempre eu entendi que “tempo profético” diz respeito ao uso do princípio dia/ano; quando falamos sobre tempo profético estamos claramente dizendo que não é tempo literal. Podemos citar várias profecias bíblicas em que o tempo profético foi usado legitimamente:

- os 2.300 dias/anos (Daniel 8:14),
- os 1.260 dias/anos (Daniel 7:25),
- os 490 dias/anos das 70 semanas (Daniel 9:24).

Em todas essas profecias é usado o princípio dia/ano, isto é, o tempo profético. Porém, a Bíblia também nos apresenta outras profecias que são claramente entendidas como profecias de tempo literal, por exemplo:

- os 70 anos de cativeiro babilônico (Jer. 25:11-12; Daniel 9:2),
- os 400 anos de escravidão egípcia (Gên. 15:13),
- os três anos e meio sem chuva no período de Jezabel (Tiago 5:17; I Reis 17:1),
- os mil anos de Apoc. 20.

Todas essas profecias foram de tempo literal e não tempo profético. Seria tão simples se todos entendessem dessa forma, mas, o problema é que muitos teólogos entendem que a expressão “tempo profético” usada por Ellen G. White significa o fim de qualquer profecia de tempo, tanto literal como profético, a partir do ano 1844. Essa conclusão não me parece coerente porque tempo profético não

pode ser confundido com qualquer profecia de tempo. Como já demonstramos, existem profecias de tempo literal e profecias de tempo profético. Essa é uma conclusão óbvia! Um outro grande problema para aqueles que interpretam que depois de 1844 não existe nenhuma outra profecia de tempo, é a profecia dos Mil Anos de Apocalipse 20! Essa é uma profecia de tempo e depois de 1844!

Se a irmã White estivesse viva a solução seria perguntar para ela o verdadeiro significado da expressão “tempo profético”, mas ela não está viva e nós dependemos inteiramente do Espírito Santo para entendermos o significado do “tempo profético”. No texto citado de Ellen G. White, ela faz referência à maior profecia de tempo profético, os 2.300 anos, que acabaram no ano 1844. Ela então diz que depois desse ano (1844) não teríamos nenhuma outra profecia de tempo profético.

Não podemos entender essa declaração de Ellen G. White como se ela estivesse afirmando que depois de 1844 não haveria mais nenhuma profecia de tempo porque o assunto em pauta era o tempo profético, o princípio dia/ano, corretamente aplicado aos 2.300 dias. Não podemos interpretar um texto do Espírito de Profecia fazendo-o se chocar com outros textos da Bíblia, pois a Bíblia fala claramente de uma profecia de tempo que inicia exatamente com a volta de Jesus, os Mil Anos de Apoc. 20! E como nós entendemos essa profecia de tempo? Tempo literal ou profético? Obviamente, literal.

Eis a explicação que o Dr. H. K. LaRondelle dá no seu livro *Armagedom* pág. 69:

“Em profecia, consideramos um dia como sendo um ano. Por que tomamos literalmente estes 1.000 anos de Apocalipse? Em Apoc. 10:6 o Senhor afirma que, uma vez cumprida esta profecia, não mais haveria profecia relativa a tempo. Sabemos que Apoc. 10:6 refere-se a um tempo profético do livro de Daniel no Velho Testamento (Daniel 8:14 – o maior período profético da Bíblia, as 2.300 tardes e manhãs). **Portanto, esta é a última vez em que um dia eqüivale a um ano.**” (H. K. LaRondelle, *Armagedom*, pág. 69).

Como já dissemos a igreja não tem uma posição oficial sobre os 1.290 e 1.335 dias, e a favor da teoria de que esses dois períodos de tempo se aplicam aos eventos finais que antecedem a volta de

Jesus, citamos o comentário de Siegfried J. Schwantes, Ph. D., sobre Daniel capítulo doze:

“Se este epílogo enfoca "o tempo do fim", como evidentemente o faz (vv.4, 9 e 13), **parece-nos apropriado considerar os 1.290 e os 1.335 dias como tempos literais abrangendo este número de dias.** A favor desta hipótese milita o fato que estes são os únicos períodos proféticos no livro de Daniel que são expressos em "dias". Em todos os outros casos tempo profético é expresso sob vários símbolos: "tempo" (7:25), ou "tardes e manhãs" (8:14), ou "semanas" (9:24). **Tudo se passa como se na crise final todo o drama dos séculos é recapitulado numa escala abreviada. Pode-se, então, imaginar um tempo de angústia "qual nunca houve" durante 1.290 dias literais, ou sejam, pouco mais de 3 anos e meio, seguido por um tempo de angústia ainda pior durante 45 dias literais.**

Uma bênção é pronunciada sobre os que perseveram até o final dos 1.335 dias, porque então Cristo depõe Suas vestes sacerdotais, e aparece nas nuvens do céu como "Rei dos reis, e Senhor dos senhores", para livrar os santos que estão vivos (v.1). Como o ponto de partida destas duas profecias não é dado, não podem ser usadas para calcular o dia e a hora da Segunda vinda de Cristo, o conhecimento dos quais DEUS tem reservado para Si Próprio (Mat.24:36; At. 1:7).” (Siegfried J. Schwantes, *Comentários sobre Daniel 12:5-13*).

Pr. Kenneth Cox é um evangelista adventista, diretor do Kenneth Cox Ministries, ele também entende que os 1290 e 1335 dias são dias literais a se cumprirem nos eventos finais a partir do decreto dominical. (Kenneth Cox, *Daniel*, pág. 155.)

Robert W. Hauser, M.D. é um médico adventista autor do livro *Give Glory to Him, The Sanctuary in the Book of Revelation*, nesse livro ele também defende a teoria de que os 1290 e 1335 dias devem ser entendidos no contexto dos eventos finais.

Robert N. Smith, Jr., M.D., é outro médico adventista, autor do livro *The Sixth King: 666 and the New World Order*; ele defende a mesma interpretação dos 1290 e 1335 dias no contexto dos eventos finais.

Charlene Fortsch, escritora adventista, autora do livro *Daniel, Understanding the Dreams and Visions*.

O primeiro escritor cristão que tentou interpretar Daniel 11 e 12 foi **Hipólito** que declarou que o “rei” que faria conforme a sua vontade (Dan. 11:36) é o anticristo, que reconstruiria Jerusalém e restauraria o santuário e aceitaria adoração como Cristo. Para Hipólito os 1.290 e 1.335 dias de Daniel 12:11 e 12 eram dias literais que se cumprirão no tempo em que o anticristo fará guerra contra os santos de Deus no tempo do fim. **Cirilo** de Jerusalém (315-386) também menciona que alguns têm aplicado os 1.290 e 1.335 dias ao período do anticristo, e, **Jerônimo** (340-420), escreveu que as pessoas entendiam que todas essas coisas são profetizadas acerca do anticristo dos últimos dias. Outros teólogos que consideraram os 1.290 e 1335 dias como dias literais que se cumprirão no tempo do fim são: **Teodoreto** (386-457), teólogo grego de Antioquia; **Bede** (673-735), historiador inglês. (*Comentário Bíblico Adventista*, vol. 4, pág. 70-71)

Esses são alguns poucos exemplos de servos de Deus que partilham comigo da mesma compreensão de que o contexto de Daniel 12 é o tempo do fim e que os períodos de tempo ali mencionados devem ser entendidos como eventos finais. O contexto de Daniel 7 é sem dúvida a Idade Média, mas, o contexto de Daniel 12 é necessariamente escatológico.

Eu acredito que quando Deus tem uma luz para ser revelada Ele não o fará para uma única pessoa. Servos de Deus em diferentes lugares, sem terem um prévio conhecimento um do outro, receberão o mesmo conhecimento.

A mais recente confirmação de que Daniel 12 precisa ser entendido no contexto dos eventos finais veio da *Lição da Escola Sabatina* atual que estamos estudando nesse 4º trimestre de 2007, na página 28 o autor diz:

“Leia Daniel 12:1-10. A que hora na história terrestre Daniel está se referindo?... Daniel é informado de que, logo antes da vinda de Jesus, haverá um tempo de angústia maior do que jamais houve na história. Nos versos 3 e 10, nos é dada uma descrição dos justos e dos perversos nesse tempo. Note como os perversos ‘procederão perversamente’ (v.10) em contraste com os justos, que no verso 3 resplandecem com fulgor, talvez porque foram ‘purificados, embranquecidos e provados’ (v.10) durante este ‘tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele

tempo' (Daniel 12:1). Em contraste, também, os perversos não entendem, mas os justos são 'sábios' e entendem. Entendem o quê? Matemática, ciências, alta crítica?... Talvez, neste contexto, os 'sábios' sejam sábios porque têm uma compreensão dos eventos finais, o tempo de angústia, em seu desdobramento.'Eles não são pegos de surpresa; de seu estudo da Palavra, sabem o que virá. E, mais importante ainda, sabem o suficiente para permitir que este tempo de dificuldades os purifique e refine..."

Como sabemos, a *Lição da Escola Sabatina* não reflete o pensamento do autor e sim da Comissão Mundial que analisa o texto da lição antes dela ser publicada. Podemos concluir que o pensamento dessa Comissão Mundial é de que o contexto de Daniel 12 diz respeito aos eventos finais! A conclusão mais lógica e racional é de que os períodos de tempo mencionados em Daniel 12: 7, 11 e 12 também precisam ser entendidos no contexto dos eventos finais. Não podemos tirar esses três versos do contexto geral do capítulo. Uma das regras de interpretação bíblica é: "não tirar o texto fora do contexto"; costumamos usar muito essa regra quando estudamos a Bíblia com irmãos de outras denominações, mas, ela também é válida para nós!

"O que mesmo aconteceu no ano 508? Qual é o evento histórico importante do ano 508? Quais são as fontes históricas que confirmam a importância do ano 508?" Esse é um assunto que os escritores preferem guardar silêncio; um assunto que a própria Comissão Mundial da igreja responsável pelas Lições da Escola Sabatina, também guarda silêncio (cf. foi demonstrado na lição *Deus e Nosso Destino*, 1º trimestre de 1987; na lição *O Evangelho, 1844 e o Juízo*, 3º trimestre de 2006); um assunto que o escritor C. Mervyn Maxwell, autor do livro *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*, preferiu não tocar; e um assunto que o *Comentário Bíblico Adventista* apresenta respeitosamente duas teorias!

"O que realmente aconteceu em 508?" É importante destacarmos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia costuma usar fontes legitimamente históricas para os eventos históricos. As datas históricas de

457 a.C.,

27 d.C.,

31 d.C.,
538,
1798,
1844,
1929,

não são datas inventadas, e, muito menos, datas aproximadas, como é o caso do ano 508. Já mencionamos antes que o *Comentário Bíblico Adventista* ao falar dos “eventos históricos” do ano 508 não é preciso, eles usam a expressão “**ao redor desta data**, a conversão de Clóvis, o rei dos Francos, para a fé católica, e a vitória sobre os Godos...” (SDABC vol. 4, pág. 881) Uma profecia de tempo não pode estar alicerçada numa data vaga e imprecisa! A Igreja Adventista tem como princípio usar fontes históricas para provar eventos históricos.

Mas o que dizer de 508?

Guilherme Miller às vezes é citado como fonte histórica para o ano 508 e a vitória de Clóvis sobre os visigodos. Nós respeitamos Guilherme Miller como um pregador de Deus e Ellen G. White menciona que junta à sepultura de Miller está o anjo aguardando o dia da ressurreição para saudá-lo (*Primeiros Escritos*, pág. 258), porém, ele não é uma fonte histórica assim como eu também não sou uma fonte histórica, assim como Uriah Smith também não é uma fonte histórica. Num artigo escrito pelo Dr. William H. Shea e publicado no livro *Symposium on Revelation*, vol. 1, página 334, Uriah Smith é citado como fonte histórica para validar o ano 508, mas ele não é um historiador!

Em primeiro lugar a vitória de Clóvis sobre os visigodos não tem essa tal importância ao ponto de merecer ser incluído no clímax do livro de Daniel. No desfecho das revelações dadas pelo Espírito Santo a Daniel, Deus revelou os eventos finais; o capítulo doze é o clímax das visões de Daniel, é o final feliz!

Dentre as dez tribos bárbaras que surgiram do quarto animal de Daniel 7, as únicas que mereceram destaque foram as três tribos representadas pelos três chifres que seriam arrancados diante do surgimento do chifre pequeno. Os três chifres de Daniel 7:8 e 24 são os Hérulos, derrotados em 493, os Vândalos, derrotados em 534, e os Ostrogodos, derrotados em 538. Essas são datas históricas e importantes porque cumpriram a profecia que diz claramente que esses três teriam que cair para que o papado dominasse. **Mas, o que dizer dos visigodos?** Eles não pertencem aos três chifres; a

vitória de Clóvis sobre os visigodos não é um evento histórico mencionado na profecia de Daniel; **e o ponto mais crítico é que a vitória de Clóvis sobre Alarico II rei dos visigodos foi no ano 507! Essa data sim pode ser comprovada historicamente, mas 507 não é 508!**

Eis algumas fontes históricas que confirmam a vitória de Clóvis sobre os visigodos na batalha de *Vouillé*, no ano 507:

Encyclopedia Britannica, vol. 4, pág. 762;

Collier's Encyclopedia, vol. 6, pág. 635;

Catholic Encyclopedia, artigo Visigodos;

Wikipedia e muitas outras.

O que mesmo aconteceu em 508? Nada significativo que se ajuste à “abominação desoladora” de Daniel 12:11. Essa data foi obtida por subtração (1798-1290=508) Essa é a explicação dada pelo *Comentário Bíblico Adventista*: “Aqueles que mantêm o ponto de vista de que o “diário” representa o “paganismo” subtraem 1290 de 1798 e chegam à data de 508”. (*Comentário Bíblico Adventista*, vol. 4, pág. 881).

As revelações de Daniel 12 falam por si mesmas. Reflita um pouco sobre os eventos finais mencionados nesse capítulo:

v. 1 Angústia como nunca houve – é uma referência à última grande angústia (cf. *O Grande Conflito* pág. 622).

v. 1 Miguel Se levanta para libertar o Seu povo – Ellen G. White interpreta essa expressão “Miguel Se levanta” como uma referência ao fechamento da porta da graça (cf. *Primeiros Escritos*, pág. 36).

v. 2 a ressurreição especial antes da volta de Jesus; essa ressurreição inclui todos os justos que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo. Eles ressuscitam glorificados para verem a Lei de Deus estampada no céu e ouvirem a voz de Deus declarando o dia e a hora da volta de Jesus (cf. *O Grande Conflito*, páginas 637, 638 e 640). Essa ressurreição especial inclui também parte dos ímpios, aqueles que traspassaram Jesus (Apoc. 1:7), os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo e os mais acérrimos inimigos de Sua verdade (cf. *O Grande Conflito*, pág. 637).

v. 3-4 “os entendidos que resplandecerão no tempo do fim”; “e a ciência se multiplicará”. A profecia não está se referindo ao aumento

da ciência tecnológica e sim à ciência da profecia. No tempo do fim haveria uma explosão do conhecimento profético acerca das profecias de Daniel. O ano 1798 marcou o início do tempo do fim e hoje nós estamos vivendo no fim do tempo do fim. Essas profecias foram dadas para consolar, orientar e fortalecer os filhos de Deus nesse tempo. A profecia tem a ver com o futuro; o passado é história e essa história está aberta a todos os justos e ímpios, mas, o futuro predito nesse capítulo doze de Daniel não seria entendido pelos perversos, “mas os sábios entenderão” (v.11).

v.5-6 a visão de Jesus “o Homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio, quando levantou a Sua mão direita” pode ser comparada com a visão dada a João em Apoc. 10:1-3; o capítulo dez de Apocalipse é uma referência à igreja remescente, os Adventistas do Sétimo Dia. Os assuntos aqui mencionados dizem respeito à experiência dos remanescentes de Deus dos últimos dias.

v. 7 “um tempo, tempos e metade de um tempo”; essa não é a mesma profecia de Daniel 7:25. No contexto da Idade Média Daniel 7:25 profetizou uma supremacia papal de 1260 anos (538-1798), mas, o contexto de Daniel 12:7 é outro; aqui temos outra profecia de tempo no contexto dos eventos finais de 1260 dias. Ellen G. White diz que os livros de Daniel e Apocalipse são um e falam dos mesmos assuntos: “O alvo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos assuntos.” (*Testemunhos para Ministros*, pág. 117) Considerando que Daniel e Apocalipse falam dos mesmos assuntos devemos então encontrar no Apocalipse as duas profecias: os 1.260 anos de supremacia papal na Idade Média e também a supremacia papal dos últimos dias de 1.260 dias! E é isso exatamente o que o Apocalipse mostra:

- os 1.260 anos de supremacia papal na Idade Média (538-1798): “E a mulher fugiu para o deserto onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias” (Apoc. 12:6). O contexto de Apoc. 12:6 é a Idade Média.
- Os 1.260 dias de supremacia papal que começará quando a cura da ferida mortal for consumada através do decreto dominical universal. O contexto de Apoc. 13 é o tempo fim. Em Apocalipse 13 o assunto é a ferida mortal de 1798; o início da cura em 1929 e a consumação da cura quando o decreto

dominical for imposto sobre toda a terra (Apoc. 13:8, 16-18). É nesse contexto que a profecia diz: “e foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses” (Apoc. 13:5). É muito evidente aqui as duas supremacias papais. Daniel e Apocalipse se correspondem: Daniel 7:25 (Idade Média) e Daniel 12:7 (tempo do fim); e também em Apoc. 12:6 (Idade Média) e Apoc. 13:5 (tempo do fim). O Dr. Jon Paulien, por muitos anos professor de Apocalipse na *Andrews University*, afirma que o reinado final da besta que subiu do mar será de três anos e meio, 42 meses, assim como o ministério de Jesus foi de três anos e meio (Jon Paulien, *The Gospel from Patmos*, pág. 232)

v. 8-10 Daniel ouviu e não entendeu porque não era para os seus dias; “estas palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim” (v.9). **Será que no tempo do fim Deus desselaria a porção selada do livro de Daniel para que o remanescente entendesse o passado?** Não! A porção selada de Daniel não diz respeito ao passado, o passado é uma história aberta a todos os povos; a mensagem divina contida nessa porção selada do livro de Daniel diz respeito aos eventos finais e Deus dá a certeza de que os sábios de Deus entenderão essa profecia.

v.11 os 1.290 dias começam com a implantação da **abominação desoladora** no contexto do fim. Os 1290 dias não começam de qualquer jeito, ou com qualquer acontecimento insignificante. A data para o início dos 1.290 dias é clara e objetiva: “desde o tempo em que o contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias (v.11). Ellen G. White afirma que a “abominação desoladora” mencionada por Jesus em Mateus 24:15 diz respeito ao estandarte idolátrico romano fincado em terra santa por ocasião do cerco de Jerusalém pelo exército romano no ano 70 d.C. Ela explica:

“Quando os estandartes idolátricos dos romanos fossem arvorados em terra santa... então os seguidores de Cristo deveriam achar segurança na fuga. Quando fosse visto o sinal de aviso, os que desejavam escapar não deveriam demorar-se.” (*O Grande Conflito*, pág. 26). Ellen G. White aqui está explicando especificamente o texto de Jesus em Mateus 24:15 sobre a

“abominação desoladora”. A “abominação desoladora” sempre está ligada à opressão de Roma. “A profecia que Ele (Jesus) proferiu era **dupla em seu sentido; ao mesmo tempo em que prefigurava a destruição de Jerusalém, representava igualmente os terrores do último grande dia.**” (*O Grande Conflito*, pág. 25)

“A ruína de Jerusalém era um símbolo da ruína final que assolará o mundo. **As profecias que tiveram seu parcial cumprimento na queda de Jerusalém, têm mais direta aplicação aos derradeiros dias.**” (Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 105).

Entre as profecias que tiveram um parcial cumprimento na queda de Jerusalém mas que terá mais direta aplicação aos últimos dias está a “abominação desoladora” de Mateus 24:15! A profecia da “abominação desoladora” mencionada por Daniel e repetida por Jesus em Mateus 24:15 tem duplo sentido, mas, sempre está ligada à Roma. Para nós que vivemos nos últimos dias devemos lembrar do sinal de aviso para fugir das cidades. No passado a “abominação da desolação” se cumpriu com Roma pagã, e agora nos últimos dias a “abominação da desolação” vai se cumprir novamente com Roma, a Roma papal. O estandarte idolátrico romano que foi arvorado em terra santa no ano 70 d.C. diz respeito à bandeira romana fincada em Jerusalém quando essa cidade se tornou possessão romana.

A bandeira romana papal, o estandarte idolátrico romano papal que revela sua autoridade sobre o mundo é o domingo como dia santo em oposição ao santo sábado bíblico. E o sinal de aviso que a irmã White menciona, é que quando for emitido o decreto dominical nos Estados Unidos, esse é o sinal para fugirmos das grandes cidades. A história se repete! Se a história não se repetisse, por que então a profecia repetiria os três anos e meio tantas vezes, primeiramente em Daniel 7:25 e depois em Daniel 12:7; depois em Apoc. 11:2, e também 11:3, e depois em Apoc. 12:6, e de novo em Apoc. 12:14 e finalmente em Apoc. 13:5. Até quando vamos continuar afirmando que todas essas citações estão se referindo ao mesmo acontecimento histórico da Idade Média? Cada profecia deve ser entendida dentro do contexto geral do capítulo. Quem tira um texto fora do contexto está buscando um pretexto!

v. 12 os 1335 dias no contexto do fim

Ellen G. White no livro *Testemunhos para Ministros* pág. 115 cita Daniel 12:8-13 e explica que esses versos devem ser entendidos no contexto da pregação dos últimos dias quando as mensagens angélicas de Apoc. 14 estariam sendo pregadas ao mundo. “Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém (Daniel), vai até ao fim, porque repousarás e estarás na tua sorte no fim dos dias” (v.12-13) Foi o Leão da tribo de Judá que abriu o livro, e deu a João a revelação do que deve acontecer nestes últimos dias.” (*Testemunhos para Ministros*, pág. 115). Ellen G. White afirma claramente que o contexto de Daniel 12:8-13 é a revelação feita pelo Leão da tribo de Judá sobre os eventos dos últimos dias!

O argumento de que 508 é o ano da conversão de Clóvis à fé católica não é consistente porque o próprio Comentário Adventista afirma que a conversão de Clóvis aconteceu em 496 (cf. SDABC vol. 9, pág. 837) O argumento de que 508 foi o ano em que Clóvis derrotou os visigodos também não é verdade, pois a vitória de Clóvis sobre os visigodos foi em 507.

Nós não podemos criar datas em nossa cabeça e afirmar que são históricas; também não podemos encontrar uma data usando simplesmente o método da subtração ($1798 - 1290 = 508$) e então sair procurando algum fato ocorrido nesse ano para justificar nossa interpretação.

Desde sempre, todos os anos acontecem coisas, e se nós quisermos achar algum acontecimento no ano 508 é provável que achemos, mas isso não é tudo. Precisa ser um acontecimento histórico importante que se ajuste à implantação da “abominação desoladora”! Um acontecimento que dê autenticidade e autoridade profética à essa data.

Vamos supor que a teoria dos 1.290 e 1.335 anos e que a data de 508 estivessem corretas; vamos supor que não haja mesmo um período de tempo de 1.290 e 1.335 dias de perseguição começando com o Decreto Dominical Universal e terminando com o anúncio do dia e da hora da volta de Jesus. Se esses eventos proféticos mencionados por Ellen G. White nos livros *O Grande Conflito* e *Primeiros Escritos* não acontecerem exatamente no prazo previsto (1.260, 1.290 e 1.335 dias), de qualquer forma, queiramos ou não, eles vão se cumprir:

- o decreto dominical como sendo a abominação desoladora dos últimos dias,
- o tempo de angústia qual nunca houve quando os santos do Altíssimo serão perseguidos pelo papado,
- o fechamento da porta da graça,
- a ressurreição especial dos filhos de Deus que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo que ressuscitarão um pouco antes da volta de Jesus,
- a Lei de Deus, os Dez Mandamentos, estampados no céu,
- Deus anunciará o dia e a hora da volta de Jesus e todos os justos vivos e mais os justos que ressuscitaram glorificados na ressurreição especial ouvirão e entenderão a voz de Deus declarando o dia e a hora da volta de Jesus: “A voz de Deus é ouvida no céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus e estabelecendo concerto eterno com Seu povo.” (*O Grande Conflito* pág. 640)

Todos esses eventos proféticos vão se cumprir com certeza inabalável, mesmo que não aconteçam exatamente dentro do período de tempo que nós esperamos, mas, de qualquer forma estaremos atentos, vigiando e orando para entendermos os eventos finais à medida que eles forem se cumprindo.

Se nós aplicarmos os 1.290 e 1.335 dias para a Idade Média, e dissermos ao povo que é impossível saber a extensão da última grande angústia, e que é impossível sabermos a extensão da supremacia papal dos últimos dias, em que estaremos ajudando o povo de Deus? Será que Deus não quer que o Seu povo saiba quão longa ou quão rápida será a última grande angústia? “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos os profetas” (Amós 3:7). Deus não faz nada sem primeiro revelar aos seus servos o que deve acontecer. Não ter nenhuma idéia da duração dessa última grande angústia não ajudará em nada o povo de Deus, mas, por outro lado, poderá gerar desânimo. A profecia é dada não para matar a curiosidade, mas para fortalecer a fé dos filhos de Deus nessa última grande crise.

Só existem duas possibilidades: os 1.290 e 1.335 dias serem aplicados para a Idade Média, ou serem aplicados no contexto escatológico dos eventos finais anunciados em Daniel 12. O contexto

do capítulo doze de Daniel é sem dúvida o tempo do fim. Na *Lição da Escola Sabatina* do 4º trimestre de 2007 página 28, intitulada “Os Sábios” o autor pede que leiamos Daniel 12:1-10 e então faz a pergunta:

“A que hora na história terrestre Daniel está se referindo?”

A resposta é dada na mesma página: “Daniel é informado de que, logo antes da vinda de Jesus, haverá um tempo de angústia maior do que jamais houve na história. Nos versos 3 e 10, nos é dada uma descrição dos justos e perversos nesse tempo. Note como os perversos ‘procederão perversamente’(v.10) em contraste com os justos, que no verso 3 resplandecem com fulgor; talvez porque foram ‘purificados e provados’ (v.10) durante esse ‘tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo’(Dan. 12:1). Em contraste, também, os perversos não entendem, mas os justos são ‘sábios’ e entendem.”

“Entendem o quê? Matemática, ciências, alta crítica?... Talvez, neste contexto os ‘sábios’ sejam sábios porque têm uma compreensão dos eventos finais, o tempo de angústia, em seu desdobramento. Eles não são pegos de surpresa; de seu estudo da Palavra, sabem o que virá. E, mais importante ainda, sabem o suficiente para permitir que este tempo de dificuldades os purifique e refine.”

Quando eu li a *Lição da Escola Sabatina* eu agradei e louvei ao meu Deus pelo conforto que Ele me deu confirmando que o contexto de Daniel 12 é o tempo do fim, e que os períodos de tempo mencionados em Daniel 12 precisam ser entendidos dentro do contexto do capítulo inteiro.

Quando eu assisti o vídeo “O Dom Profético” eu ouvi a afirmação do Dr. Timm de que “um texto tirado fora do contexto só pode criar um pretexto.” Eu gostaria de lembrar que, inegavelmente, o contexto de Daniel 12 diz respeito aos eventos finais que antecedem a volta de Jesus e o tempo da grande angústia do povo de Deus. Sinceramente, a minha consciência não me permite aplicar esses períodos de tempo 1.290 e 1.335 dias à Idade Média; fazer isso é tirar o texto fora do contexto.

Bibliografia

- Anthony, Gavin. *O Fogo do Ourives, Lição da Escola Sabatina*, 4º trimestre de 2007.
- Battistone, Joseph J. *Triunfo no Presente e Glória no Futuro. Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre de 1989.
- Catholic Encyclopedia*.
- Collier's Encyclopedia*, vol. 6.
- Cox, Kenneth. *Daniel*.
- Encyclopedia Britannica*, vol. 4.
- Goldstein, Clifford. *O Evangelho, 1844 e o Juízo. Lição da Escola Sabatina*, 3º trimestre de 2006.
- Hauser, Robert W. *Give Glory to Him, The Sanctuary in the Book of Revelation*.
- Keough, G. Arthur. *Deus e Nosso Destino. Lição da Escola Sabatina*, 1º trimestre de 1987.
- LaRondelle, H. K. *Armagedom*.
- Maxwell, C. Mervyn. *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*.
- Paulien, Jon. *The Gospel from Patmos*.
- Schwantes, Siegfried J. *Comentários sobre Daniel*.
- Shea, William H. *Symposium on Revelation*, vol. 1.
- Smith, Robert N. *The Sixth King: 666 and the New World Order*.
- Timm, Alberto. *Revista Adventista*, julho de 1999.
- _____. *The 1290 and 1335 Days of Daniel 12. Biblical Research. The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, 7 e 9.
- White, Ellen G. *O Grande Conflito*.
- _____. *O Maior Discurso de Cristo*.
- _____. *Primeiros Escritos*.
- _____. *Review and Herald*, 20/12/1892.
- _____. *Testemunhos para Ministros*.